XXV Congresso de Iniciação Científica da Unicamp

18 a 20 Outubro Campinas | Brasil

Processo de generalização na fala de crianças em atendimento fonoaudiológico

Karina Garcia*, Irani Rodrigues Maldonade

Resumo

A generalização é o processo pelo qual a criança amplia a produção e uso correto dos fonemas “treinados” em terapia fonoaudiológica para outros contextos ou ambientes não treinados. Porém, existem crianças que não chegam ao processo de generalização, pois frente às palavras que estão sendo trabalhadas e com controle exercido pelo fonoaudiólogo, a produção de fala fica adequada, mas, fora dessa situação, não. Portanto, este estudo procurou refletir sobre a dificuldade de generalização de fonemas trabalhados em terapia fonoaudiológica de 4 crianças, atendidas no ambulatório de fala/linguagem do CEPRE-UNICAMP. A partir das transcrições e análise das sessões das terapias que foram filmadas, conclui-se que a dificuldade de generalização não parece estar ligada à severidade das alterações fonêmicas, nem à quantidade delas na fala das crianças. Os resultados apontam que esta dificuldade está menos relacionada às questões de articulação dos fonemas, relacionando-se fortemente à posição que o falante ocupa na situação dialógica.

Palavras-chave:

Fonoaudiologia, distúrbio de linguagem, generalização.

Introdução

A alteração dos fonemas na fala das crianças indica, de modo geral, que a aquisição fonológica não se deu espontaneamente como seria o esperado até os cinco anos de idade. Após o tratamento fonoaudiológico, espera-se que a criança seja capaz de realizar, de forma coordenada, os movimentos articulatórios que levam à produção de todos os fonemas do português nos mais variados contextos, a fim de produzir adequadamente todas as palavras da língua. Além disso, espera-se que os fonemas trabalhados em terapia, ocorram também na fala espontânea, ou seja, em quaisquer outras palavras da língua em que este fonema é esperado. Porém, algumas crianças apresentam dificuldades neste processo, denominado de generalização. O objetivo da pesquisa é refletir sobre a dificuldade de generalização de fonemas trabalhados em terapia fonoaudiológica de 4 crianças (cujos nomes fictícios são: Ana, Paulo, Pedro e João) de 6 a 10 anos submetidas ao atendimento no Ambulatório (54208- Fala/Linguagem) do CEPRE.

Resultados e Discussão

Após a pesquisa ter sido aprovada pelo Comitê de Ética os pais/responsáveis pelas crianças assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a participação dessas crianças na investigação. Depois disso, foram iniciadas as gravações das sessões de terapia, a partir de setembro de 2016 por 5 meses consecutivos, conduzidas pelas Fonoaudiólogas Residentes da UNICAMP. Os dados colhidos foram analisados a partir da proposta interacionista de aquisição de linguagem. Foi possível observar que a terapeuta realiza diferentes estratégias ao lidar com a fala alterada dos pacientes e que ela não parece se dar conta deste fato. As estratégias são: 1) chama atenção para alteração fonêmica; 2) repete a fala, dando o modelo correto e chamando atenção; 3) repete a fala, dando o modelo correto e sem chamar atenção; 4) solicita a correção da fala pela criança; 5) solicita a correção da fala pela criança e ensina pontos articulatórios – treino articulatório. As solicitações de correção foram mais evidentes nas sessões dos pacientes Ana e Pedro, algumas das quais se transformaram em treino para adequação fonêmica. Por

outro lado, observou-se que a fala de João foi a menos corrigida; o que pareceu estar relacionado à dificuldade de percepção da sonoridade da fala do paciente pela terapeuta. As intervenções foram mais efetivas para o processo de generalização na fala dos pacientes Pedro e Ana que já conseguiam se abrir para posição de escuta da própria fala e menos para o Paulo que parecia ainda não ter se deslocado para essa posição no processo de aquisição da linguagem.

Conclusões

A metodologia de filmar, transcrever e analisar a sessão é elemento crucial para a evolução dos casos e para refletir sobre a posição do fonoaudiólogo em terapia. Algumas possibilidades de correção da fala dos pacientes deixaram de ser realizadas. A terapeuta insistiu nas correções dos pacientes que já estavam na posição de escuta, mas não insistiu tanto em pedir correções para aqueles que ainda não conseguiam ouvir a sua própria fala. A dificuldade de generalização não parece estar ligada à severidade (grau) das alterações fonêmicas, nem à quantidade (número) delas na fala das crianças. Os resultados apontam que esta dificuldade está menos relacionada às questões de articulação dos fonemas, relacionando-se fortemente à posição que o falante ocupa na situação dialógica.

Agradecimentos

PIBIC- CNPq

BENINE, R. Dislalia e desvios fonológicos evolutivos: caminhos do fonoaudiólogo na abordagem das “alterações de pronúncia na fala”. Aquisição, patologias e clínica de linguagem/ orgs. Maria Francisca Lier- De Vitto; Lúcia Arantes – São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006. 446 p.

CERON, M.I; SOARES, M.K. Terapia fonológica: a generalização dentro de uma classe de sons e para outra classe de sons. Rev. CEFAC vol.10 no.3. São Paulo, 2008.

LEMOS, de M.T. A língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição de linguagem. Campinas, SP. Mercado de Letras, 2002.

VITTO, de M.F.L. Patologias da linguagem: sobre as “vicissitudes de falas sintomáticas”. Aquisição, patologias e clínica de linguagem/ orgs. Maria Francisca Lier- De Vitto; Lúcia Arantes – São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006. 446 p.

ZORZI, J.L. A terapia articulatória e a “automatização” de novos fonemas. Rev. CEFAC, 2002.

DOI: 10.19146/pibic-2017-79125

XXV Congresso de Iniciação Científica da UNICAMP